



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LETRAS - INGLÊS**

RAYLA DO NASCIMENTO CARVALHO

**LITERATURA LGBT PARA CRIANÇAS E SUA INCLUSÃO NO
CURRÍCULO COMO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

**CAMPINA GRANDE
2016**

RAYLA DO NASCIMENTO CARVALHO

**LITERATURA LGBT PARA CRIANÇAS E SUA INCLUSÃO NO
CURRÍCULO COMO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Graduação em Letras (Habilitação: Língua Inglesa) do Centro de Integração Acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras – Inglês.

Orientadora: Prof. Dra. Kelli Faustino

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C331I Carvalho, Rayla do Nascimento
Literatura LGBT para crianças e sua inclusão no currículo
como uma ferramenta pedagógica [manuscrito] / Rayla do
Nascimento Carvalho. - 2016.
27 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2016.
"Orientação: Profa. Dra. Kelli Faustino do Nascimento.,
Departamento de Educação".

1.Literatura infantil. 2.Educação. 3.Orientação sexual. I.
Título.

21. ed. CDD 809.89286

RAYLA DO NASCIMENTO CARVALHO

LITERATURA LGBT PARA CRIANÇAS E A SUA INCLUSÃO NO
CURRÍCULO COMO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Artigo apresentado a Coordenação do Curso de Graduação em Letras (Habilitação: Língua Inglesa) do Centro de Integração Acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras – Inglês.

Aprovada em: 21/10/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Kelli Faustino do Nascimento (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Eduardo Gomes Orofino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Nelsânio Batista da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À meus pais, pelo companheirismo, pelo amor e pela
crença em mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À meu D'us, inicialmente, por toda força e pelas bênçãos que ele me proporcionou.

À minha orientadora, minha já companheira de publicação, por ter aceitado me guiar nessa nova experiência na minha vida.

À minha mãe e ao meu pai, pela motivação em casa e pela crença, desde o princípio em mim e em meu curso.

À minha avó, pelo suporte e pela compreensão da minha ausência de sua companhia.

À minha irmã, pelas diversas discussões enriquecedoras e pelo crescimento proporcionado por essas discussões.

À minha companheira, pelo apoio e pela compreensão diante da minha ausência.

À professora Ms. Karyne Soares, por ter enriquecido grandemente minha escrita e experiência acadêmica, por ter acreditado em meu pré-projeto e me motivado tremendamente como profissional.

Aos colegas de classe, agradeço a amizade, o apoio, e a companhia que fez essa graduação única pelos momentos vividos em conjunto.

“O amor é que é essencial.

O sexo é só um acidente.

Pode ser igual

Ou diferente.

Fernando Pessoa”

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	DESENVOLVIMENTO.....	08
2.1	Definindo homo/lesbo/bi/trans(fobia)	09
2.2	O Papel da escola.....	12
2.3	Livros infantis com temática LGBT.....	14
3	METODOLOGIA	16
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	17
5	CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	23
	REFERÊNCIAS	24

LITERATURA LGBT PARA CRIANÇAS E SUA INCLUSÃO NO CURRÍCULO COMO UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Rayla do Nascimento Carvalho¹

RESUMO

O preconceito e a discriminação em relação às diversas formas de viver e expressar a sexualidade são problemas presentes em vários âmbitos da sociedade. Por isso, é cada vez mais recorrente discussões acerca da diversidade, bem como o desenvolvimento de programas de apoio à diversidade, que vem sendo utilizado por diversas instituições. Dentre os grupos mais afetados, destaca-se o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT ou LGBTs), que carrega em sua trajetória um histórico de vários tipos de violência praticada contra seus integrantes. Atualmente, com o intuito de minimizar a violência e o desconhecimento acerca do tema, autores de todo o mundo vem elaborando cada vez mais materiais abordando esta temática voltados a diferentes faixa etárias, tais como livros infantis e de contos de fadas com personagens homoafetivos. Pensando nisso, este trabalho teve como principal objetivo analisar, através de uma pesquisa bibliográfica, a forma como essa temática é abordada em “O Namorado do Papai Ronca”, de Plinio Camillo, além de refletir sobre como estes recursos poderiam ser utilizados na sala de aula como ferramenta pedagógica. A partir do que foi analisado, concluiu-se que a escola por ter um papel fundamental na formação dos alunos como cidadãos, deverá ser um espaço democrático e diverso, desconstruindo qualquer forma de preconceito e discriminação, incluindo em seu currículo temas considerados tabus, como a diversidade, a fim de construir um espaço baseado no respeito e na aceitação.

Palavras-Chave: Literatura infantil. Educação. Orientação sexual.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da popularização da discussão sobre preconceito, movimentos e programas de apoio à diversidade têm sido elaborados e desenvolvidos em diversos âmbitos da sociedade. Dentre os diversos tipos de preconceitos, este trabalho terá como enfoque o preconceito contra um dos grupos mais afetados: o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs ou LGBTTT), que carrega em sua trajetória um histórico de diversas formas de violência vivenciada por seus integrantes.

Atualmente, com o intuito de minimizar o preconceito, a violência e o desconhecimento acerca do tema, autores de todo o mundo vem elaborando cada vez mais materiais, tais como livros infantis e de contos de fadas com personagens homoafetivos, voltados a diferentes faixa etárias. Pensando nisso, surgiu este trabalho que teve como principal objetivo analisar a maneira como essa temática é abordada no livro infantil “*O Namorado do Papai Ronca*”, de Plinio Camilo, além de refletir sobre como este recurso poderia ser utilizado na sala de aula como ferramenta pedagógica.

¹Aluna de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: carvalhon.rayla@gmail.com

Inicialmente a proposta desse trabalho surgiu de um projeto realizado a partir de uma experiência de ensino em uma turma de fundamental I, na qual observamos que um dos alunos era discriminado por possuir “trejeitos” e, diante dessa situação, a escola e os professores permaneciam omissos. A partir dessa experiência, percebemos que algo precisava ser feito e que o respeito precisava ser discutido em sala, a fim de quebrar preconceitos e desenvolver a sensibilidade, o respeito pelas formas diversas que os sujeitos encontram para viver sua afetividade.

Tivemos como embasamento teórico autores que discutem sobre a sexualidade e educação, além da inclusão dos livros infantis com temáticas LGBTs nas escolas. Dentre os autores, temos Rowel (2007), que reflete sobre a importância da existência e da utilização de livros que retratam diferentes composições familiares, voltados especialmente para o público infantil, focando na utilização desses materiais na escola como uma forma de reduzir o preconceito e ampliar a compreensão acerca do grupo LGBTs. Recorremos também aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que refletem sobre a importância de inclusão do tema orientação sexual na escola, além de dissertar sobre a função social que a escola e os educadores exercem, e por fim a Louro (2010), que disserta sobre a interferência da instituição escolar na formação dos alunos, destacando que a escola não é apenas produtora de conhecimentos, mas ela também “fabrica” sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe.

Assim, através da análise bibliográfica buscamos refletir sobre a (des)construção de preconceitos nas escolas, tendo como principal foco a abordagem do tema LGBTs no livro “*O Namorado do Papai Ronca*” elaborado especialmente para o público infantil. Dessa forma, objetivamos contribuir com os estudos relacionados à sexualidade e a educação, refletindo sobre a importância da instituição escolar na formação de opiniões e de cidadãos que respeitem e valorizem a diversidade.

Para o estudo do nosso tema, iniciamos o artigo trazendo uma definição dos termos homo/lesbo/bi/trans(fobia), dissertamos sobre o papel da escola na formação de conceitos e opiniões dos alunos; abordamos sobre a utilização de Livros infantis com a temática LGBTTT, apontando a importância da literatura infantil e sua interferência no processo de desenvolvimento do aluno. Em seguida apresentamos a metodologia, a análise dos dados e as considerações conclusivas.

2 DESENVOLVIMENTO

A presente seção está subdividida nas seguintes seções: 2.1 Definindo homo/lesbo/bi/trans(fobia), na qual é explicado o que é *fobia*, além de explicar sobre os danos físicos e mentais para quem a sofre; 2.2 O Papel da escola, na qual disserta-se sobre a influência da instituição escolar, assim como a influência do professor na formação das opiniões dos alunos; e, por fim, a subseção 2.3 Livros infantis com a temática LGBTTT, na qual é explorado a importância da literatura infantil, considerando sua interferência no desenvolvimento do aluno, além de dissertar sobre a ascensão da criação da literatura infantil envolvendo protagonistas LGBTs e/ou famílias homoparentais;

2.1 DEFININDO HOMO/LESBO/BI/TRANS(FOBIA)

Sabe-se que a hostilidade e violência institucional e pessoal contra pessoas LGBTs é uma realidade presente em diversos âmbitos sociais e têm sido um fato em todo o mundo desde os tempos antigos. O público LGBTs têm sofrido com o preconceito de todas as partes da sociedade e, apesar da ascensão de discussão em torno do tema, ainda é comum sua ocorrência especialmente no âmbito familiar e nas escolas.

A homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia² são termos utilizados para classificar o sentimento de medo ou ódio contra pessoas LGBTs devido a orientação sexual ou identidade de gênero. Apesar de ser caracterizado como *fobia*, Plummer (*apud* BOWERS *et. al*, 2005, p. 33) explica que fobia e homofobia³ são conceitos diferentes, já que as fobias são originários de medo, mas a homofobia geralmente inclui raiva, hostilidade e agressão.

Dessa forma, a homofobia refere-se a aversão a homossexuais que, devido a raiva e hostilidade, designa agressões físicas e verbais. Estas agressões advindas do preconceito são intituladas Crimes de Ódio. Sobre esta questão, A Comissão de Igualdade dos Direitos Humanos (2009, p. 4) explica:

Crimes de Ódio e incidentes podem ir de insultos para uma incitação ao ódio, agressão física grave e assassinato. Autores de incidentes de ódio homofóbicos são motivados por preconceito ou hostilidade em relação a real ou aparente vítima de orientação sexual lésbica, gay e bissexual (LGB).

² O termo homofobia, mesmo se referindo geralmente ao preconceito vivenciado por homens gays, na maioria dos casos, é utilizado para qualquer preconceito sofrido por lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transexuais. Porém, há um termo próprio para cada preconceito, sendo lesbofobia a discriminação de lésbicas, bifobia a de bissexuais e transfobia a discriminação de pessoas transexuais e transgeneras. A fim de facilitar a discussão, o presente trabalho também utilizará o termo homofobia de maneira plural.

³ O autor utiliza o termo homofobia de maneira geral para caracterizar qualquer preconceito sofrido por pessoas LGBTs.

Savage (2010, pp. 1-2) explica que a violência, intencional ou não, geralmente segue uma série de estágios. São eles:

- 1) O primeiro estágio refere-se a exclusão, que ocorre quando um grupo de pessoas é identificado como diferente da maioria e, assim, é impedido ou excluído da participação total nos direitos e nos privilégios desfrutados pela maioria. Neste estágio, jovens LGB⁴ são separados de grupos heterossexuais através de apelidos, ridicularização e a negação de certos direitos, por exemplo.
- 2) O segundo estágio refere-se a expulsão, que ocorre quando há alguma forma de expulsão do restante da comunidade. Um exemplo desse estágio é a ausência de pessoas ou informações LGB no currículo escolar.
- 3) O terceiro e último estágio da violência refere-se a exterminação, que ocorre quando pessoas marginalizadas ou algo relacionado a elas são extintos. Um exemplo desse estágio, de acordo com o autor, é a homofobia internalizada, que refere-se a crença dos estereótipos estabelecidos para pessoas LGB, o abandono escolar, a depressão e a ideação suicida.

Apesar de Savage (2010, p. 2) mencionar durante o estágio da exterminação que o assassinato de pessoas LGB devido a orientação sexual é relativamente raro, no Brasil a agressão física, que pode vir a resultar em morte, ocorre de maneira cada vez mais comum. Entre os anos 1963 e 2004, foram observados mais de 2,500 vítimas de crimes de ódio no Brasil, como pode ser visto no quadro abaixo:

QUADRO 1 – Assassinatos de homossexuais no Brasil entre 1963 e 2004

Ano	Total
1963-69	30
1970-79	41
1980-89	503
1990-99	1256
2000-2004	671
Total	2501

Fonte: Grupo Gay da Bahia e Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis.

⁴ Durante a discussão, o autor não inclui as pessoas transexuais e transgêneras. Por isso, utiliza o termo LGB, direcionando-se apenas a Lésbicas, Gays e Bissexuais.

É imprescindível destacar que os números acima descritos (Quadro 1) referem-se apenas a dois terços do território brasileiro, sendo assim, apenas uma amostra do número real de assassinatos de pessoas LGBTs durante o período destacado.

Atualmente, o relatório de crimes homofóbicos tem sido feito em maior perspectiva, considerando todos os estados brasileiros. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB) (2013, p.1), no ano de 2012 foram documentados 338 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, ocorrendo um assassinato a cada 26 horas. No ano seguinte, o GGB (2013, p. 1) documentou 312 assassinatos de integrantes do grupo LGBTs e no relatório referente ao ano de 2014, o GGB (2014, p. 1) documentou 326 mortes de LGBTs, sendo um assassinato a cada 27 horas. Estima-se que cerca de 900 pessoas LGBTs foram assassinadas entre os anos de 2012 e 2014 por crimes motivados pela orientação sexual e/ou pela identidade de gênero das vítimas, em um intervalo inferior a 30 horas entre os assassinatos.

A violência física (que inclui agressões físicas, abuso sexual e assassinatos) refere-se a apenas um dos tipos de violência vivenciados diariamente pelo grupo LGBTs. Em todo o mundo, pessoas sofrem rotineiramente também com a violência psicológica, que pode ser velada, como no caso das “brincadeiras” e exclusão social, ou explícitas, como xingamentos e assédio sexual.

Apesar da ausência de marcas corporais, a violência psicológica é tão grave quanto a violência física, pois desencadeia graves consequências no processo de autoconhecimento das pessoas LGBTs e interfere diretamente na autoestima e no desenvolvimento do indivíduo. Os danos emocionais observados nas vítimas são, de acordo com Miscow (2013, p. 5) baixa autoestima, ansiedade, (...) falta de apetite, depressão e outras doenças psicossomáticas⁵.

Segundo Mott (*apud* MESQUITA, 2014, p.12), a atração pelo mesmo sexo/ gênero, como primeira experiência; a escuta de comentários homofóbicos/lesbofóbicos/transfóbicos; a hostilização verbal e ataques físicos ou a diminuição do rendimento escolar são situações que podem levar o/a jovem à depressão, à baixa autoestima, ao ódio contra si próprio, à frustração, à confusão sobre o que fazer, a altos níveis de stress por manter o “segredo”. Sendo assim, a violência homofóbica pode vir a desencadear a não-aceitação, devido ao desenvolvimento de uma visão autoidentitária deturpada, a depressão, a automutilação, e por vezes, o suicídio.

Apesar de sua ocorrência em diversos âmbitos, o comportamento intolerante ocorre rotineiramente nas escolas, principalmente em formato de uma agressão velada. A homofobia

⁵ Doenças psicossomáticas são doenças que tem início psicológico, mas desencadeiam sintomas físicos. Por ter origem na mente, muitas vezes, tratamentos convencionais para essas doenças físicas não apresentam resultados de melhora, tendo em vista que o problema não está, de fato, no corpo, mas na psique.

na escola (também chamada de *bullying* homofóbico) vem sendo cada vez mais observada e, por isso, vem se discutindo possíveis maneiras de minimizar a homofobia e, posteriormente, extingui-la de dentro e de fora do âmbito escolar.

Dessa maneira, a fim de compreender como ocorre a influência da escola e dos professores no desenvolvimento e comportamento dos alunos, vamos discutir na próxima subseção esta interferência, assim como a possibilidade de redução do preconceito dentro e fora do espaço escolar.

2.3 O PAPEL DA ESCOLA

Apesar de ser classificada como um espaço democrático, as escolas ainda enfrentam dificuldades em desenvolver discussões em torno da diversidade em todos os seus aspectos – Cultural, Sexual, Étnico e Religioso. Tal dificuldade muitas vezes vai se refletir em posturas e ações que favorecem práticas discriminatórias em relação “aqueles que divergem dos padrões de normalidade estabelecidos”, na qual a diversidade ou diferença é percebida como inferioridade, desvio, aberração, etc.

Segundo Junqueira (2009), a escola brasileira historicamente se organizou em torno de um conjunto de dinâmico de valores, normas e crenças que contribuiu para reduzir a figura do “outro”, ou seja, aquele considerado “estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso”, todos aqueles e aquelas que não estivessem em sintonia com o que é valorizado pela heteronormatividade e por aquilo que a ela estivesse ligado, como por exemplo ser branco, adulto, heterossexual, burguês, ser física e mentalmente normal, etc.

A partir das afirmações do autor anteriormente citado, podemos inferir que devido ao tempo que os alunos passam semanalmente nas escolas (que são pelo menos vinte e cinco horas), estas possuem um profundo impacto no desenvolvimento do aluno, principalmente nas turmas das séries iniciais. A compreensão das diferenças humanas e a apropriação de diversos conceitos sociais e culturais além de ocorrer inicialmente na família, também vai surgir nas escolas, a partir das interações entre os alunos e entre alunos e professores. Através da experiência de sala de aula espera-se que os alunos possam aprender a ouvir, respeitar e compartilhar, além de investigar, formular ideias, ter atitude e desenvolver conceitos. Os alunos, principalmente nas séries iniciais, tendem a absorver os valores e conceitos do meio em que está inserido.

Na instituição escolar, as crianças percebem diferenças relacionadas a aparência e personalidade entre os seus colegas e professores, compreendendo o que é considerado

comum e, conseqüentemente, incomum naquele meio e na sociedade. Dessa forma, desde muito jovens, as crianças aprendem através da escola padrões fixos sobre o que é “correto” e ideal de acordo com a visão da sociedade. Sobre isso, Louro (2010, p. 58) comenta:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

A escola, assim, exerce uma forte influência no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos, especialmente durante o desenvolvimento da personalidade, da própria visão do mundo e da sociedade. Durante o ensino fundamental, principalmente, os alunos veem o professor como um modelo a ser seguido, bem como a atitude e a opinião do professor.

A maneira pela qual o professor lida com os alunos, especialmente crianças e pré-adolescentes, pode ser decisivo para a construção de determinados conceitos e crenças, especialmente quando o discurso da escola está associado com o discurso dos pais, que também apresentam forte influência nas crenças das crianças. Assim, quando os professores proliferam discursos homofóbicos nas salas de aula ou quando se fazem omissos diante de atitudes homofóbicas, os alunos se empoderam e, então, continuam a reproduzir esses discursos dentro e também fora da instituição escolar.

Apesar de cada indivíduo possuir crenças próprias associadas à experiência de vida, sabe-se que os professores representam na sala de aula uma função social. Sendo assim, torna-se imprescindível que o professor, sendo este formador de opiniões, não repasse as crenças individuais que contribuam para o preconceito, a estigmatização e a discriminação do outro.

Compreendemos que o papel da instituição escolar perpassa o ensinamento de disciplinas acadêmicas, pois segundo A Declaração Mundial sobre a Educação para Todos (*apud* PCNS, p.17), todas as pessoas, independente da idade, devem ter o acesso a uma formação que responda às necessidades educativas, que correspondem aos instrumentos de aprendizagem essenciais, como leitura, escrita e expressão oral, mas também ter acesso aos conteúdos educativos, que refere-se aos conceitos, atitudes e valores, que são elementos necessários para que se viva com dignidade, atuando de maneira ativa e consciente do próprio desenvolvimento e na melhora da qualidade de vida individual.

A função da escola, então, caracteriza-se principalmente pela formação do aluno como indivíduo social, de maneira que este se torne crítico e reflexivo, capaz de compreender o

mundo em que vive, assim como seu papel na sociedade. Sobre o papel escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (1998, p. 21) explicam:

A sociedade brasileira demanda uma educação de qualidade, que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem e na qual esperam ver atendidas suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas.

Sendo assim, torna-se imprescindível que a escola seja, de fato, um espaço democrático, onde o conjunto de profissionais que nela trabalham atue de maneira inclusiva e diversa, considerando os alunos como seres heterogêneos, ao invés de propagar os preconceitos e padrões “ideais”. Agindo desta maneira, a escola permite que os alunos compreendam a sociedade que lhes rodeia e compreendam a si próprios através de uma percepção livre de discursos patológicos e excludentes, no qual o indivíduo que não corresponde aos padrões (pré)estabelecidos pela sociedade, não precise eliminar as características que o torna diferente dos demais para ser aceito e estar, de fato, incluso no âmbito escolar. Muitos desses padrões estão representados nos livros didáticos e nos de literatura infantil. Sobre isso discutiremos no tópico a seguir.

2.3 LIVROS COM A TEMÁTICA LGBTTT PARA CRIANÇAS

A literatura infantil proporciona aos alunos a oportunidade de desenvolver suas próprias opiniões sobre certos temas e sobre grupos de pessoas em todo o mundo, bem como, os ajuda a desenvolver a personalidade e habilidades sociais. De acordo Santora (2006, p.1) “Literatura é um veículo poderoso para ajudar as crianças a compreender os seus lares, as comunidades e o mundo” e funciona “como um espelho para as crianças é como uma janela para o mundo em torno delas”.

Durante os últimos anos, livros com temática LGBTs para crianças estão sendo cada vez mais escritos, porém ainda não é comum o acesso das crianças a esta leitura. Isso acontece por razões diferentes. Um dos principais fatores é disseminação cultural de que, através do contato com materiais que retratem pessoas LGBTs, as crianças possam se tornar futuros homossexuais. Porém, sendo a sexualidade uma característica inerente ao indivíduo, sabe-se que o contato com personagens LGBTs interfere tampouco na sexualidade individual como o contato de homossexuais com personagens heterossexuais.

Outro fator que impede a popularização deste material é a influência da religião (especialmente do cristianismo) na nossa cultura que, devido a atribuição ao pecado, prolifera

a imagem e concepção de vida dos homossexuais de maneira negativa. Desta maneira, crianças tem acesso ao grupo LGBTs de maneira restrita, tendo em vista que a única percepção que as crianças e jovens desenvolvem ao decorrer de seus desenvolvimentos é a da homossexualidade como pecado e um comportamento patológico.

Por fim, as escolas e/ou os professores possuem receio em discutir a sexualidade em sua pluralidade, devido tanto ao preconceito existente na instituição escolar (no caso dos professores) como o preconceito dos pais das crianças. Na instituição escolar da rede privada, há ainda o receio do enfrentamento e argumentação com os pais, devido entre outras causas, o risco de perda dos alunos para outras instituições. Dessa maneira, muitas vezes, a escola evita a discussão em sala sobre o grupo LGBTTT e a elaboração de projetos que combatam a homofobia e dessa forma torna inerte diante do assunto.

Atualmente, apesar de haver uma série de programas em escolas de ensino fundamental que tem como foco principal a discussão do (auto)conhecimento das crianças e o reconhecimento das diferenças existentes entre elas, ainda é possível perceber a limitação existente quanto a inclusão de materiais que abordem personagens homossexuais e configurações de famílias homoparentais.

A fim de solucionar essa limitação, há discussões sobre a implantação dos livros com temática LGBTTT no currículo dos alunos, de forma que os professores discutam sobre sexualidade e suas variações de forma natural, a fim de tentar reduzir a homofobia nas escolas e na sociedade. Clay (*apud* Rowel, 2007, p. 3), explica o quão positiva pode ser a utilização deste tipo de literatura nas escolas:

A maioria das histórias narrativas baseadas na realidade têm enredo, ação, diferentes tipos de configurações e situações que podem suscitar reflexões infantis e discussão em classe. A inclusão de alguns destes livros no currículo pode ajudar a tornar a sala de aula (...) um lugar mais seguro, mais justo e igual para filhos de lésbicas e famílias homossexuais.

O objetivo principal de usar esta literatura em sala de aula é tentar fazer com que as crianças se sintam confortáveis com a diversidade, bem como, com as diferenças. A escola poderá ser capaz de criar um ambiente seguro para a aprendizagem de forma que, no futuro, desenvolvam adultos tolerantes. Além disso, as crianças de famílias formadas por pais homossexuais geralmente não possuem referências nas escolas de sua estrutura familiar. A partir da utilização desses livros, torna-se possível fazer com que as crianças se sintam confortáveis e incluídas, assim como Rowel (2007, p. 2) explica "livros *gay-friendly*⁶ podem

⁶ O termo refere-se a livros que retratam a homossexualidade de maneira "amigável", expondo o tema sem propagar preconceitos e estereótipos.

fazer uma diferença positiva na sala de aula: as crianças de famílias de pais do mesmo sexo sentem que suas famílias são incluídas e outras crianças aprendem sobre e obtêm respeito e aceitação por outros tipos de família."

Como *A Human Rights Campaign Association* (2012, p. 2), diz: "As crianças têm uma curiosidade natural sobre algo que elas não estão familiarizadas". Sendo assim, as crianças não conhecem de fato a definição da homossexualidade, e a concepção desenvolvida durante a infância e adolescência é proveniente do contato com os discursos sobre o tema. Dessa forma, o contato com discursos inclusivos sobre a homossexualidade torna-se fundamental para o desenvolvimento de adultos tolerantes.

Assim, a literatura infantil que incida sobre a diversidade pode ajudar os alunos a compreender as diferenças individuais de cada pessoa, tornando-os adultos respeitosos e livres de preconceitos, independente das diferenças de raça, cultura e orientação sexual.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa ocorreu através de uma pesquisa exploratória, que, de acordo com Gil (2008, p. 27), tem como principal finalidade "desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores." Assim, a pesquisa ocorreu de maneira exploratória através de uma pesquisa bibliográfica. Sobre este tipo de pesquisa, Gil (2008, p.50) explica:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

Dessa maneira, através da análise de um livro infantil, intitulado *O Namorado do Papai Ronca*, da autoria de Plínio Camillo, foram analisados trechos extraídos do livro que revelem a homossexualidade do pai, assim como a visão da criança sobre a relação e o preconceito e discriminação da sociedade.

O livro analisado foi publicado a partir do apoio do Governo do Estado de São Paulo e da Secretaria de Estado da Cultura (PROAC). É narrado por uma criança no qual é possível perceber os sentimentos, pensamentos, e assim, as opiniões diante do relacionamento

homafetivo do pai. Durante a análise, buscamos ressaltar a maneira que a temática é abordada, considerando a linguagem do livro, a forma como a homossexualidade é retratada e a visão da criança, assim como dos demais personagens sobre a (homo)sexualidade de Heitor. Além disso, também objetivamos ter como enfoque o possível uso deste material nas salas de aula.

Assim, tivemos os seguintes passos metodológicos:

a) Inicialmente, foram retirados trechos dos livros que revelam, de maneira direta ou indireta, a homossexualidade do pai.

b) Em seguida, foram analisadas as visões do garoto acerca da homossexualidade assim como a visão de outros personagens sobre o tema.

c) A partir disso, refletimos sobre a influência da opinião dos outros personagens no desenvolvimento do garoto.

d) Por fim, sugerimos o possível uso deste material nas escolas, considerando a relevância para a abordagem do tema na sala de aula, assim como os benefícios que podem vir a surgir a partir dessa exposição dos alunos ao tema nas salas de aula.

4. ANÁLISE DOS DADOS

O livro *O Namorado do Papai Ronca* (CAMILLO, 2012) é narrado por Dante, um menino de 12 anos que está descobrindo a adolescência e os conflitos que ela traz. Filho de pais separados, Dante é obrigado a se mudar da grande metrópole para morar em Procópio, cidade onde mora o seu pai Heitor e o Ademar, namorado de Heitor.

Ao decorrer da narrativa, percebemos diversos conflitos enfrentados por Dante, como a descoberta da própria sexualidade, no qual Dante passa a revelar o desejo por uma menina; a mudança de São Paulo, grande metrópole, para Procópio, cidade do interior, de forma que além da mudança de cidade, o menino enfrenta o conflito de ser aluno novato em uma escola desconhecida; o reconhecimento do preconceito vivido pelo pai e o seu processo de desconstrução de rótulos, adquiridos após o contato com o preconceito.

Nesta análise, tivemos como foco a análise da maneira como a homossexualidade de Heitor é revelada por Dante para o leitor e de que maneira o menino lida com o relacionamento homoafetivo do pai, além dos porquês da inclusão de livros com personagens LGBTs na escola.

Logo no início do capítulo 1, Camillo (2012, p. 3) revela a homossexualidade de Heitor através de um diálogo entre o menino, Dante, e a mãe, Barbára.

“noite

- O namorado do papai ronca!
- Não está exagerando, filho?
- Mãe, O Ademar ronca muito! É sinistro, mãe!”

Ao considerar o ronco do namorado do pai um problema, o protagonista introduz aos leitores com naturalidade a relação homoafetiva vivida pelo pai e Ademar, revelando de maneira implícita que seu problema com ele diz respeito apenas ao ronco, não tendo, assim, qualquer relação com a orientação sexual de Heitor.

A naturalidade exposta por Dante ao abordar, durante a conversação com a mãe, o ronco do namorado do pai ocorre devido a convivência, desde a infância, com esta forma de estruturação familiar. Além disso, também representa a visão da mãe acerca da sexualidade do seu ex-companheiro, de maneira que ao conversar abertamente e de maneira natural sobre o tema, a criança não constrói a percepção de um comportamento e/ou relacionamento patológico ou pecador.

Devido à naturalidade frente ao tema durante a criação de Dante, é possível perceber através da narrativa a inocência da criança diante da exposição ao preconceito, de maneira que mesmo percebendo os olhares esquisitos para o pai, Dante não consegue compreender o real motivo dos olhares, como podemos ver abaixo:

- “Dante percebe que algumas pessoas esquisitas olham esquisito para o pai. Olhares de pessoas que parecem estar sentindo cheiro de um peido muito fedido. Olhares de raiva. Olhares. O pai cumprimenta todos. Eles não respondem.
 - Quem são?
 - Alguns conhecidos meus.
 - Seus amigos?
 - Foram.” (CAMILLO, 2012, p. 27)

Mesmo na tentativa de seu pai de poupá-lo do preconceito, o garoto é exposto ao preconceito explícito durante uma conversa com uma amiga sendo este, de fato, o primeiro momento que o protagonista ouve repreensão pelo fato de seu pai ser homossexual.

- Quem é Priscila?
- (...)
- Ela é sobrinha do Ademar.
- Que Ademar?
- Um amigo do meu pai...
- Um amigo do seu pai? Sei! Mas quem é esta priscila?
- Dante começa a suar frio. Não sabe mais como responder.
- Quem é esta Priscila?
- Sobrinha do Ademar...
- Que Ademar?
- Ademar é o namorado do meu pai.

- O quê?
 - Sobrinha do namorado do meu pai...
 - Seu pai é uma bicha??
 - (...)
 - Milena, meu pai contou quando eu tinha mais ou menos seis anos: ele foi franco comigo. Explicou que por namorar um outro homem ele não era um monstro e nem um mutante. Ele quer ser feliz como todo mundo né?
 - Gay...
 - Ser gay não é uma doença!
 - Num sei...
 - Não é não...
 - Mas ele virou...
 - Não vira gay, apenas é.
 - Como é?
 - Não é fácil pra ele também.
 - Sei. O que as pessoas acham?
 - Tem gente que não diz nada, tem gente que critica, tem gente que apoia.
 - E você?
 - Não é um problema meu, quero o bem do meu pai!
 - (...)
 - Dante quer falar de outras coisas.
 - Milena quer respostas.
 - Eles se beijam na sua frente?
 - Ele dorme na sua casa?
 - Sua mãe namora mulheres?
 - Você vai ser gay quando crescer?
 - Você já beijou algum menino de lá?
 - Você já beijou?
 - Dante quer beijar Milena.
- (CAMILLO, 2012, pp.90, 91, 92)

Inicialmente, Dante, que prefere esconder o relacionamento do pai ao afirmar que Ademar era apenas um amigo de seu pai, revela em seu discurso o incômodo de falar sobre o assunto que antes para ele era natural, principalmente ao ouvir a repreensão vinda de sua amiga.

A conversa entre Dante e Priscila revela não só a opinião da menina sobre o tema, mas revela também o ambiente em que a menina está inserida, através da proliferação de discursos que podem ser provenientes do ambiente familiar, escolar ou religioso.

Através do diálogo com Priscila, é possível observar também os rótulos e estereótipos disseminados socialmente quanto a relacionamentos homoafetivos e crianças criadas por pais homossexuais. Durante o diálogo, ao questionar “Você vai ser gay quando crescer?” e “Você já beijou algum menino de lá?”, a menina revela a crença de que a homossexualidade ocorre de maneira patológica, de forma que, através da observação de relações e convívio com pessoas homossexuais, as crianças podem ter, então, suas sexualidades “alteradas”. Porém, sabe-se que, diante da subjetividade da sexualidade, a origem familiar da criança, sendo ela proveniente de famílias homossexuais ou heterossexuais, não interfere em sua orientação sexual. Ao fazer a afirmação de que através do convívio com outros sujeitos homossexuais, a

criança vai/pode se tornar “gay quando crescer”, a sexualidade é então caracterizada como escolha, o que, de fato, não ocorre, considerando que boa parte dos homossexuais são criados em famílias heterossexuais e em ambientes heteronormativos.

A partir da exposição ao discurso de Priscila, o protagonista revela dificuldade em compreender a orientação sexual de Heitor (antes considerado apenas uma característica de seu pai, assim como o ronco do namorado), e, por isso, confronta seu pai sobre a definição do ser homossexual:

- Você é gay, pai?
- Como?
- Quero saber se você é gay?
- O que é ser gay, filho?
- Pai! Estou perguntando e não quero responder.
- Filho, sou um homem que adora o filho que tem e que ama outro homem.
- Mas então, é gay!
- Não sei. Sou alguém que gosta do que é.
- Não é gay?
- Filho! É, ou não é?
- Sem entender o que você quer dizer não sei responder.
- Então tá: gay é aquele que anda rebolando, fala fino e faz coisas como se fosse uma mulher.
- Então não sou.
- E que também transa com homem.
- Então eu sou.
- Mas você transou com a minha mãe?
- Sim, querendo, gostando dela.
- (...)
- Então, depois comecei a perceber. Ouvir a mim mesmo. Nunca quis ser uma mulher ou outra coisa diferente do que sou. Nem sempre tendo focinho de porco, pé de porco, orelha de porco é porco.
- Então o que é?
- Pode ser feijoada.
- Então você saiu do armário?
- Nunca estive em um, sou um professor e nem por isto me sinto menor e menos importante do que um médico. Sou um homem que ama outro homem, e não me sinto menor e nem pior que outro homem qualquer.
- Sei.
- Com todas as dificuldades, com as certezas, estou muito feliz, tranquilo. Sei que sua avó não quer falar comigo. Sei que me olham torto, imagino o quanto é difícil para você.
- Mas pai, antes nunca foi! Agora é estranho, meio complicado. (...)
- Não procure rótulos, gavetas ou encaixes; por sorte, ou azar, somos todos diferentes, com olhares diferentes, diferentes formas de ver, sorrir e andar. E principalmente, nem sempre o que é diferente da gente é ruim. (CAMILLO, 2012, pp. 113, 114 e 115)

Assim, através da narrativa, é possível perceber que o protagonista, mesmo tendo contato desde a infância com o assunto, ainda possui dúvidas acerca do tema, principalmente após a exposição aos rótulos e estereótipos. Há, então, um processo de desconstrução da imagem do ser homossexual, de como um homossexual deve ou pode ser, pelo protagonista após o diálogo aberto com o pai sobre o tema.

Mesmo para uma criança que cresceu em um ambiente de aceitação, a proliferação do discurso da sociedade sobre a homossexualidade interfere também em sua concepção sobre o

tema. Dessa maneira, a proposta do presente trabalho foi fazer o inverso: perceber como desconstruir, através da escola, a percepção patológica da sociedade sobre temas tabus, e interferir, assim, na concepção e na formação dos alunos sobre esses temas.

A fim de solucionar as dúvidas e os conflitos individuais dos alunos (sobre suas famílias e sobre a sociedade que os rodeia), a escola, considerando o seu papel social, deve abordar o tema orientação sexual com o intuito de informar e ampliar a visão do grupo estudantil sobre o tema. Sobre isso, Os PCN's (1998, p. 300) nos dizem:

A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. Isso porque na relação professor-aluno o professor ocupa lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno. A emissão da opinião pessoal do professor na sala de aula pode ocupar o espaço dos questionamentos, incertezas e ambivalências necessários à construção da opinião do próprio aluno.

A posição da escola e do professor deve ser, portanto, de liberdade de expressão e discussão, a fim de esclarecer sobre tabus e preconceitos com os alunos, expondo de maneira consciente e responsável discursos de desconstrução diante dessas crenças pré-estabelecidas. Sobre isso, no mesmo documento (*op.cit*, p.300) é possível perceber que a intenção da discussão em sala não é a determinação de conceitos, mas:

Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elege como seus.

Portanto, ao discutir o tema com os alunos, a escola permite que sejam expostos diferentes pontos de vistas, de forma que, a partir disso, os alunos tenham oportunidade de repensar o meio em que vivem e as suas próprias crenças e ações. Dessa forma, os educadores permitem que em suas aulas os alunos possam ter acesso a valores democráticos e a se perceberem como sujeitos inclusos em uma sociedade diversa e plural.

A discussão na escola sobre a sexualidade torna-se imprescindível para a redução/exterminação da homofobia não apenas entre os alunos, mas também entre os alunos e os professores. Camilo (2012, pp. 128,129) relata em sua obra o caso de discriminação de Heitor, professor homossexual, que sofre preconceito por parte de alunos e do diretor, como podemos ver abaixo:

- Estava dando aula para o terceiro colegial. Uma turma do colégio Evolutivo que prestará vestibular no final do ano. Era uma parte que tem muitas dificuldades. Daí uns quatro do fundão, os mais chatinhos, levantam a mão. Interrompi minha explanação esperando que fosse uma questão que ajudasse a classe. Os alunos pediram para ir ao banheiro. Sorri para não gritar. Respirei e disse que liberaria assim que terminasse a explicação. Virei o micro e fui virar a tela. Os quatro levantaram, foram até a lixeira e começaram a mijar.

- (...) Então, Ademar! Fiquei possesso. Era muito desrespeitoso. Fui até um deles, acho que era o Ferdinand, segurei o braço dele e disse “cara, aqui não é o lugar para isso”. O moleque deu um pulo e começou a gritar: “Viram? Todo mundo viu. Ele me assediou?”

- Assediou?

- Pois é. E começou a urrar que eu tinha pegado nele. Os outros três disseram que viram e a classe ficou em silêncio. Fiquei sem saber o que fazer. Eles saíram da classe e fiquei feito um dois de paus ali, querendo que a terra me engolisse.

- E depois, pai?

- Sei lá, passados alguns minutos o diretor veio me chamar. No corredor, aos berros, disse que eu tinha assediado os rapazes. Tentava acalmá-lo, mas não deu. Ele gritou e ameaçou me prender.

- (...) E agora?

- Agora, com certeza, a cidade inteira pensa que eu sou um pedófilo.

A acusação de assédio por parte do aluno ocorre não apenas como tentativa de fuga da penalização do próprio ato, mas pelo fato do professor ser homossexual e ter encostado nele. Ao ouvir a versão do aluno, o diretor acusa e ameaça Heitor, mesmo sem questionar o professor sobre o real acontecimento. A ameaça do diretor ocorre, de fato, pela associação culturalmente disseminada de que a homossexualidade está interligada, de alguma maneira, com a pedofilia, de forma que o diretor da escola só acredita na versão do aluno, pois já possuía anteriormente a crença de que houvesse uma possibilidade de que isso ocorresse.

Sendo assim, a discussão em torno da sexualidade na sala de aula torna-se essencial para possibilitar um ambiente em que haja aceitação entre alunos e alunos (que são os maiores alvos de preconceito no âmbito escolar), mas também é imprescindível que haja a discussão aberta para a redução do preconceito entre professores, alunos e integrantes da escola, de maneira que ninguém, independente da sua posição na escola, seja discriminado por sua maneira de vivenciar e expor sua individualidade sexual.

5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A escola possui um papel que está além da reprodução de conteúdos acadêmicos para os alunos, pois consideramos que esta seja também uma instituição que interfere na formação dos valores e crenças dos sujeitos que dela participam, devendo formar cidadãos reflexivos e autônomos. Porém, ainda é possível perceber certa resistência frente à discussão de determinados temas na escola, mesmo após a adoção da escola como instituição formadora.

A partir do que foi analisado e discutido, é impossível negar a forte influência que os professores e a escola em geral têm sobre os estudantes, especialmente em crianças. Então, acreditamos que a escola tem um papel fundamental na redução do preconceito no espaço escolar, bem como na sociedade. Dessa maneira, torna-se necessário que a escola exponha os alunos a diferentes visões acerca da sociedade em que vivem, especialmente sobre temas que interferem diretamente na postura de certos alunos, que estigmatizam, excluem e discriminam.

Para que as escolas e professores discutam sobre temas, como por exemplo a sexualidade, torna-se necessário que as instituições formadoras de professores os orientem para que saibam a importância de seus discursos, além de os capacitarem sobre como abordar os temas e discussões na sala de aula.

A partir do que foi analisado, concluímos que livros para crianças com famílias LGBTQTTT podem ser utilizados nas escolas como uma ferramenta pedagógica para discutir de maneira aberta sobre o tema, fazendo com que crianças com este tipo de família se sintam incluídas e permitindo que as demais crianças compreendam as semelhanças entre as famílias homossexuais e heterossexuais.

Precisamos considerar que este trabalho refere-se a uma proposta que pode ser alcançado a longo prazo em dimensão social, porém, através das discussões de temas tabus nas escolas, como a homossexualidade, os efeitos podem ser observados de maneira imediata através da redução de preconceito e discriminação entre os alunos no âmbito escolar.

LITERATURA LGBT FOR KIDS AND ITS INCLUSION IN THE CURRICULUM AS A PEDAGOGICAL TOOL

ABSTRACT

Prejudice and discrimination are problems present in many areas of society. Therefore, it is increasingly recurring discussions about diversity, as well as the development of supporting diversity programs, which has been used by various institutions. Among the groups most affected, there is the group Lesbian, Gay, Bisexual, Transsexual and Transgender (LGBTTT or LGBTs), which carries in its trajectory a history of physical and verbal violence. Currently, in order to minimize violence and ignorance on the subject, authors around the world have been developing materials addressing this issue aimed at different age range, such as children's books and fairy tales with homosexual characters. Thinking about it, this project aims to analyze, through a literature search, the way that the theme is approached in *O namorado do papi ronca*, by Plínio Camillo, and reflects on how these resources could be used in the classroom as a pedagogical tool. From what was analyzed, it was concluded that the school, as a democratic and a diverse space, has the role in the formation of students as citizens. Because of that, schools must include in its curriculum subjects considered taboo in order to deconstruct prejudices and build a space based on respect and acceptance.

Keywords: Education. Sexual Orientation. Children's Literature.

REFERÊNCIAS

BOWERS, R. PLUMMER, D. MINICHELLO, V. *Homophobia and the everyday mechanisms of prejudice: Findings from a qualitative study*. New England, 2005.

BRAZIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMILLO, Plínio. *O namorado do papai ronca*. São Paulo: Selo Prólogo e Instituto Mundo Mundano, 2012.

DEGOL, Jessica L. *Classroom practices that promote gay and Lesbian Students*. Pittsbutgh, 2010.

EQUALITY and Human Rights Commission. *Homophobic hate crimes and incidents*, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUPO, Gay da Bahia (GGB). *Assassinatos de Homossexuais no Brasil: Relatório 2012 do Grupo Gay da Bahia*. Bahia, 2013. Disponível em <https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2012-2/> Acessado em 06/10/2016]

GRUPO, Gay da Bahia (GGB). *Assassinatos de Homossexuais LGBT no Brasil: Relatório 2013*. Bahia, 2013. Disponível em

<<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2013-2/>> Acessado em 06/10/2016

GRUPO, Gay da Bahia (GGB). *Assassinatos de Homossexuais LGBT no Brasil*. Bahia, 2014. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2014-2/>> Acessado em 06/10/2016

HUMAN, Rights Campaign. Using LGBT – Inclusive Children's books and Looking at gender through books, 2012. Disponível em <<http://www.hrc.org/welcoming-schools/documents/Welcoming-Schools-Using-LGBT-Inclusive-Books.pdf>> Acessado em: 30/10/2004

JUNQUEIRA, Rogério. *Homofobia nas Escolas: um problema de todos*. In: _____ (org). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11 ed, Petrópolis: Vozes, 2010.

MCKINNEY, Robin. WORMER, Katherine. *What schools can do to help gay/lesbian/bisexual youth: a harm reduction approach*. San Diego, CA, 2003.

MESQUITA, Marylucia. *Dia Mundial de Luta contra a Homofobia*. In: CFESS Manifesta: Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014): Brasília, 2014, pp. 11-13.

MOTT, Luiz. *Homo-afetividade e direitos humanos*. Florianópolis: Estudos feministas, 2006.

PARTNERS Against Hate. The importance of Multicultural Children's Books, 2003. Available in <<http://www.partnersagainsthate.org/educators/books.html>> Acessado em 29/10/2014.

ROWEL, Elizabeth H. *Missing! Picture Books Reflecting Gay and Lesbian Families*. U.S, 2007.

SANTORA, Linda. *Assessing Children's Literature*. Our Children, New York, 2006.

SAVAGE, Todd. *Lesbian, Gay and Bisexual Youth: Preventing Violence and Harassment at Schools*. National Association of School Psychologists: Bestedha, 2010.